METROPOLE SSA-BA

30 SET 2021

Levou ippon

Idealizado como casa do judô no país, Centro Pan-Americano está abandonado. Obra custou R$ 40 milhões e é o retrato da falta de apoio do poder público aos esportes olímpicos. Págs 4 e 5

WWW>JORNALDAMETROPOLE>COM>BR

Morrer de Aids é cringe, proteja-se!

James Martins

"Aids se expandiu e o terror já domina o Brasil", cantava o bloco Olodum em 1988. A música, mais um sucesso da autoria de Tatau, ecoava a palavra-terror da vez, que dominou noticiários, imaginários, discussões e campanhas oficiais naquela década e na seguinte, no Brasil e no mundo. Anos antes, em 83, quando a doença foi descoberta, ainda era costume referir-se a ela apenas como "a síndrome", ou então escandindo a sigla letra por letra: "A, I, Dê, esSe". Lembro que, menino, perguntei a meu pai o significado de AIDS e ouvi dele a explicação correta, em bom português: "Síndrome da Imunodeficiência Adquirida". Coisa rara em meio a tantos boatos e fantasias em torno do assunto. Também considerada "o mal do século", como já fora a tuberculose, a Aids é uma doença que ataca justamente o sistema imunológico, ou seja, o mecanismo responsável pela defesa de nosso corpo. Assim, embora não se morra exatamente de Aids, é ela quem enfraquece o ser humano até o ponto de poder morrer-se de qualquer outra coisa. Transmitida por via sanguínea, e sexualmente transmissível, a epidemia de Aids rapidamente ganhou dimensões apocalípticas e tornou-se um fato cultural dos mais relevantes para quem, como eu, cresceu naquela época e acompanhou, por exemplo, o drama de Cazuza na luta pela vida.

Havia não apenas pouca informação (basta lembrar que o próprio vírus HIV, e o exame para detectá-lo no sangue, só foi identificado em 85) como interpretações tão (ou mais) estapafúrdias como a que diz que o coronavírus veio para melhorar a humanidade. A Aids, sucedendo à revolução sexual, e vitimando, inicialmente, majoritariamente homossexuais masculinos, era vista como um castigo divino de tipo Sodoma e Gomorra: "A praga dos gays". Foram cunhados termos hoje totalmente em desuso como "grupos de risco". A igreja católica se opunha ao uso de camisinha. Se um mosquito picasse um "aidético", poderia sair transmitindo o vírus por aí? Enfim, um verdadeiro rebu. Mas o assunto estava em tudo, de filmes a canções. Desde Caetano Veloso afirmando que: "Só um genocida em potencial (de batina, de gravata ou de avental) / Pode fingir que não vê que os veados (tendo sido o grupo-vítima preferencial) / Estão na situação de liderar o movimento para deter a disseminação do HIV"; até Léo Jaime arriscando a perigosa rima entre Aids (pronunciada em inglês: êids) e Band-aids". Enquanto o SBT transmitia "Filadélfia", com Tom Hanks e Denzel Washington.

O grande problema era o seguinte: contrair o vírus HIV naquele tempo era praticamente ser carimbado para a morte. Nos acostumamos a identificar os portadores da doença como figuras esquálidas, pele e osso, mal conseguindo andar. Hoje, não. Os avanços foram muitos, possibilitando a um soropositivo levar uma vida normal, como a de um diabético controlado, por exemplo. Porém, em conversa essa semana com a infectologista Ceuci Nunes, fiquei alarmado ao saber que, não só os casos de contágio estão crescendo, como a baixa nos diagnósticos têm levado muitos jovens à morte. É preciso dar um freio nisso. Em tempos de Covid-19, Aids tem que ser página virada. Não é impossível. Até minha mãe dá camisinha às netas. Vou começar a espalhar que morrer de Aids é cringe, pra ver se pega.

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Adele Robichez, Alexandre Santos, Luciana Freire, Rodrigo Meneses e Tailane Muniz**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambués CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

Saneamento básico é prioridade.

Você fala o problema, a gente busca a solução.

Participe das oficinas públicas ao vivo para a elaboração do **Plano Municipal de Saneamento Básico Integrado.** Ninguém conhece os problemas da sua comunidade como você.

Confira a programação:

30/09	14h	Esgotamento Sanitário
05/10	14h	Drenagem Urbana
06/10	9h	Água, Esgoto, Drenagem e Resíduos (Ilha de Maré, Ilha de Bom Jesus dos Passos e Ilha dos Frades)
07/10	14h	Resíduos Sólidos

Transmissão ao vivo pelo YouTube no canal **Seinfra Saneamento,** na página do Facebook da **Seinfra** e nas **Prefeituras-Bairro.**

Mais informações:
seinfra.salvador.ba.gov.br

PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO INTEGRADO DE SALVADOR

SALVADOR PREFEITURA
PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

Fotos **Manuela Cavadas**
Texto **Tailane Muniz**
tailane.muniz@radiometropole.com.br

Fora de combate

Centro de Judô, em Lauro de Freitas, custou mais de R$ 40 milhões e está abandonado. Mais R$ 3 milhões serão gastos para colocá-lo novamente em funcionamento

Faz um ano e meio que o Centro Pan-Americano de Judô (CPJ) recebeu o último campeonato. O equipamento, preparado para receber até 1.900 pessoas com ginásio climatizado, hoje não passa de um ponto de referência para dividir Salvador e Lauro de Freitas. De frente para a praia de Ipitanga, o centro de treinamento custou mais de R$ 40 milhões — destes, R$ 18,3 milhões dos cofres do governo da Bahia. A promessa era de que seria a casa do judô nas Américas.

"Está tudo deteriorado", diz um segurança do centro de treinamento, ao apontar para as telas de metal deslocadas pelo vento. Sem se identificar, o homem, que há três anos trabalha no local, conta que a ferrugem já consumiu boa parte da estrutura externa.

"É um espaço gigantesco, mas que passou muito tempo sem manutenção, o resultado só podia ser esse", lamenta o servidor,

embora não tenha autorizado a entrada da reportagem na parte interna do centro.

Mas as marcas de degradação do Centro Pan-Americano de Judô, gerido pela Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (Sudesb), são visíveis também por fora. As vidraças quebradas já na entrada principal dão o sinal. Tomada por pombos, a fachada não se distancia disso: há lixo e uma quantidade considerável de estrume. Da altura do portão, desgastado pelo sol e salitre, é possível observar ainda móveis descartados na parte inferior do CPJ, que nem sequer foi cogitado como centro de treinamento para os atletas baianos que competiram nas Olimpíadas de Tóquio, em julho passado.

Inaugurado em 2014, o equipamento contou ainda com R$ 19,8 milhões do governo federal e R$ 5,1 milhões da Confederação Brasileira de Judô (CBJ) - responsável por gerir o espaço até 2018, quando transferiu a gestão para a Sudesb.

Procurada pelo **Jornal da Metropole**, a pasta negou o abandono e afirmou que o CPJ passa por uma reforma avaliada em R$ 3,3 milhões. A previsão, segundo a Sudesb, é de que o local volte a funcionar em janeiro de 2022. Mas não mais como uma promessa de referência para o judô brasileiro, como foi anunciado à época da inauguração.

"O equipamento irá abrigar as principais competições (estaduais, regionais, nacionais e internacionais) de várias modalidades esportivas, dentre elas, as artes marciais (boxe, karatê, jiu-jitsu e judô, com funcionamento regular também de um núcleo de iniciação esportiva, consolidando o perfil já testado de multiuso do espaço", diz a Sudesb, ao confirmar que, por estar submetido à intensa salinidade, devido à proximidade com o mar, o centro "sofre o impacto da ação do tempo, necessitando sempre de medidas de conservação".

Em nota enviada à reportagem, a Federação Baiana de Judô (Febaju) se limitou a dizer que foi informada de que o complexo se encontra em reforma e que aguarda o retorno, no início do próximo ano.

FRUSTRAÇÃO OLÍMPICA

Embora anunciado como o que seria o principal CT para atletas que se preparavam para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, o CPJ nem sequer iniciou o ciclo de treinamento dos competidores à época. A Sudesb diz que as coisas começaram a desandar antes mesmo das Olimpíadas realizadas no Brasil. Isso porque a CBJ precisaria bancar os custos do equipamento, o que não aconteceu. E foi aí que o centro de treinamento, que dispõe de um alojamento com capacidade para 72 atletas, além de piscina semiolímpica, quadra poliesportiva, restaurante e salas de apoio, começou a perder o título de uma referência nacional que nunca chegou a ser.

A CBJ justifica que a perda de patrocínios fez com que a instituição pensasse em outros meios de manter as despesas do centro na Bahia. Uma delas, afirma a entidade, foi transformar, em parceria com a Sudesb, o espaço em um centro multifunções. Houve ainda a apresentação da proposta para o Ministério do Esporte, a fim de arrecadar verbas para fazer a manutenção do complexo. Mas os recursos não foram liberados e a Sudesb reassumiu a responsabilidade.

Mesmo assim, afirma a pasta, o CPJ chegou a abrigar o Campeonato Brasileiro Caixa de Ginástica Rítmica (10/2018), a 20ª edição do Premier Fight League (02/2019), além do Campeonato Pan Americano de Badminton, último evento com grande público e que reuniu atletas do Brasil, Canadá, Ilhas Falkland, Guatemala, México, Peru e Estados Unidos.

A Sudesb não comentou, contudo, o quanto o Centro Pan-Americano de Judô poderia ter contribuído para o desempenho dos atletas (e não só do Judô) nas Olimpíadas de Tóquio 2020. Sem ele, a Bahia subiu no lugar mais alto do pódio quatro vezes, com os ouros de Isaquias Queiroz, da canoagem, Hebert Conceição, do boxe, Daniel Alves, no futebol, e Ana Marcela, na maratona aquática. Se fosse um país, teria terminado em 21º, à frente da Espanha, da Dinamarca e até da Argentina.

O Brasil ficou na 12ª colocação, o melhor desempenho do país nos Jogos. Coincidência ou não, o judô trouxe apenas dois bronzes e figurou a pior participação do esporte desde os Jogos de Atenas, em 2004.

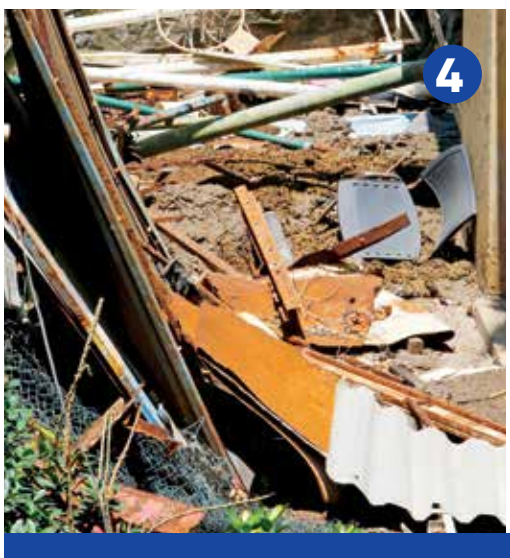

Foto 1: Centro de judô com fachada desgastada pelo salitre
Foto 2: Sem manutenção, há ninho de passarinho nas lâmpadas de iluminação Foto 3: Hastes das bandeiras estão corroídas
Foto 4: Entulho acumulado do lado de fora do centro

Como segurar essa Barra?

Novo comando policial tenta apaziguar situação no bairro, após dois meses de constantes casos de violência e mortes

Texto **Luciana Freire**
luciana.santana@metro1.com.br

Um dos principais pontos turísticos de Salvador, vitrine da cidade, a Barra tem sido palco de diversos episódios de violência nos últimos dois meses.

A sensação de insegurança aumentou entre os moradores, turistas e aqueles que trabalham no bairro. Morte de moradores em situação de rua, tiroteio na praia e corpo encontrado boiando são alguns dos casos dos últimos 60 dias *(veja lista completa no quadro ao lado)*.

"Quando esses casos aconteceram, principalmente no início de setembro, muitos procuraram a associação com preocupação. O comerciante, com certeza, é o que mais sofre", diz Waltson Campos, diretor de Comunicação da Associação de Moradores e Amigos da Barra (Amabarra).

Segundo Campos, os constantes casos de violência, amplamente divulgados, afastam os turistas e os interessados em investir no local.

Karina Baqueiro, proprietária do boteco Bagacinho, que vai completar 10 anos em janeiro, afirma que houve uma redução do movimento em seu estabelecimento. "Nós não nos situamos na orla, próximo ao porto, onde eu imagino que o impacto foi maior. Ainda assim, a frequência do boteco diminuiu, tanto de pessoas locais, quanto dos turistas. O bairro passou a ser conhecido como violento", diz Karina.

Proprietário do Bar Habeas Copos, situado há 46 anos no Farol da Barra, Sérgio Bezerra conta que não sentiu o impacto da insegurança. "A frequência continuou a mesma", diz.

A porteira Luiza Silva, que trabalha há 22 anos nesta função em prédio da rua César Zama, fala sobre o aumento da violência. "Aqui sempre foi movimentado, confesso que antes tinha ainda mais movimento e casos fortes assim não aconteciam. Tiroteio, colocar fogo em outra pessoa... não era assim", diz.

"Por agora estou voltando de carro, por causa da pandemia, mas não será sempre assim, logo devo voltar a pegar ônibus e já não me sinto segura", completa.

NOVO COMANDO

No dia 10 de setembro, tomou posse o major Uildnei Carlos do Nascimento, no comando da 11ª Companhia Independente de Polícia Militar, que faz o policiamento da região da Barra, em Salvador. Ele substitui o major Jailton Carvalho de Santana. A troca, segundo o governador da Bahia, Rui Costa (PT), já estava programada e não teria relação com os recentes casos de violência.

Ainda assim, a chegada do major Uildnei é cheia de expectativa sobre quais serão suas medidas para promover a segurança do bairro. Em conversa com o **Jornal da Metropole** o major explicou que na última sexta-feira teve início a operação Liga do Atlântico, em conjunto com secretarias municipais e órgãos de fiscalização.

"Sei que a expectativa é de que cheguei para mudar, mas nós continuaremos cumprindo o nosso papel de ordem, intensificar o policiamento através de rondas, abordagens e operações voltadas ao combate a roubo de veículos e arrombamentos de estabelecimentos comerciais. Tudo isso, aliado ao serviço de inteligência, com o levantamento dos criminosos que atuam na área", disse Uildnei.

O tráfico protagonizou um dos casos de maior violência no Porto da Barra, quando dois homens e uma mulher foram baleados. Um deles veio a óbito. As investigações ainda estão em andamen-

tacio moreira/metropress

to, mas a suspeita é de que a vítima postou uma foto em rede social, indicando que estava na Barra, assim, seu rival foi ao seu encontro e efetuou os disparos.

"A gente sabe que não é só questão de polícia, mas, sim, de política", argumenta o diretor da Amabarra.

"Muito do que aconteceu tem a ver com o crime organizado, mas para evitar que chegue a esse ponto é preciso uma ação conjunta. Fomos até a Câmara Municipal, tivemos espaço para uma fala na tribuna, e a partir daí já se desencadearam varias ações". No último fim de semana já houve o reforço do policiamento na Barra.

"É bem verdade que foi um final de semana tranquilo no bairro, muito porque choveu, mas comemoramos o fato de que não houve ocorrências e vamos trabalhar para que assim continue", diz o major Uildnei que citou as ações de fiscalização dos estabelecimentos comerciais, da Secretaria de Promoção Social e Combate à Pobreza junto aos moradores em situação de rua e também de agentes para garantir o cumprimento dos decretos municipais.

"Acontece muito que os banhistas hoje possuem o que chamo de 'kit praia': o culler com bebidas e a caixinha de som. Depois do por do sol todos vão para a orla, próximo aos restaurantes. Com bebidas e som alto, não demora para que uma confusão comece. Então nisso, por exemplo, quem atua é a Sedur, no controle do som. Assim, cada um vai fazendo um pouco para melhorar a segurança do local", concluiu.

> **A expectativa é de que cheguei para mudar, mas nós continuaremos cumprindo o nosso papel de ordem**
>
> **Uildnei do Nascimento**
> Major da 11ª CIPM

HISTÓRICO

30/07 - Adolescentes suspeitos de assalto no Porto da Barra tentam fuga pelo mar. Agentes municipais frustram plano

reprodução/youtube

17/08 - Casal de pessoas em situação de rua teve barraco incendiado. Eles morreram com queimaduras em mais de 90% do corpo

06/09 - Corpo é encontrado boiando no mar do Porto da Barra

11/09 - Homem nu circula pelo bairro com faca e galinha nas mãos e assusta moradores

reprodução/youtube

19/09 - Mulheres iniciam pancadaria generalizada no Farol da Barra. Um dos homens envolvidos na briga tinha porte ilegal de arma de fogo

reprodução

21/09 - Homem ameaça banhistas do Porto da Barra com uma faca. Ele foi detido e ninguém ficou ferido

Mil dias no precipício e 'pode piorar'

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

A cinco mil mortes de o país atingir o número trágico de 600 mil vidas perdidas para a Covid, o presidente Jair Bolsonaro saiu pelo país adentro em campanha eleitoral, a pretexto de comemorar os seus 1.000 dias de governo e, em cima de picapes, inaugurando aqui e ali pedaços de pontes ou 10 quilômetros de asfalto, avisou: nada é tão ruim que não possa piorar. Se disse isso como ameaça ao país ou como estratégia para encorpar ainda mais a caricatura do presidente simplão, que come pão com leite moça, toma café em copo reutilizado de requeijão cremoso, veste meias com chinelão de plástico e se orgulha de se besuntar com gordura de pizza mastigada nas calçadas de Nova Iorque, vá saber.

É sabido por todo mundo que o presidente tem cerca de 22% de aprovação da sua gestão. Bolsonaro foi eleito no segundo turno, em 2018, com quase 58 milhões de votos e números não se questionam, são matemáticos. Já o resíduo de aprovação, esses 22%, poderiam explicar aos 53% que o desaprovam como se faz para enxergar os méritos e acertos deste governo. E não vale a saída pelos fundos dos argumentos, a estratégia de dizer que o governo não anda porque não deixam, essa frase de sujeito inexistente. Qual o projeto, executado ou interrompido, em qualquer área, seja na área de saúde, educação, infra-estrutura, ciência ou tecnologia, neste governo?

São apenas questionamentos retóricos. A essa altura, ao longo desses mil dias de queda livre do país rumo a fundos falsos, aos 20% que aplaudem tudo o que está aí não interessam fatos, dados, realidade ou ciência. Tornou-se uma questão de fé, como se vivessem na dimensão do encantado e da escolha irracional entre realidade e pensamento mágico. No mesmo dia em que uma advogada, Bruna Morato, depôs na CPI da Covid, representando 12 médicos que denunciam a seguradora de saúde Prevent Sênior de acelerar a morte de idosos com Covid (já que 'óbito também é alta'), não foram dois nem três senadores que irromperam furiosos na sessão e na imprensa.

TRAFICANTE E JORNALISTAS

A fúria, de senadores como Marcos Rogério, Eduardo Girão, Marcos do Val ou Flávio Bolsonaro, não era contra uma empresa de plano de saúde que, para manter o lucro numa pandemia que era devastadora para idosos, o seu nicho de clientela, planeja com o apoio da Presidência da Republica montar uma estratégia que em tudo se assemelha a uma eutanásia, à revelia de pacientes, famílias e coagindo médicos. A raiva dos senadores era da advogada que acusa a empresa, com provas, documentos, fartas evidências.

Em entrevista à GloboNews, na noite de terça, o senador Marcos do Val disse que dar credibilidade à Bruna Maroto em suas acusações na CPI seria o mesmo que a emissora dar credibilidade ao traficante Elias Maluco (morto, aliás, em setembro do ano passado) se este aparecesse em público defendendo jornalistas que a Rede Globo demitiu nos últimos meses, acusando a emissora de absurdos. Quem quiser saber como de uma coisa chegou-se a outra, como aquilo virou isso, cartas para o senador do Espírito Santo.

A versão alternativa da realidade dos 20% do bolsonarismo e dos senadores que comparam a advogada Bruna Maroto ao traficante Elias Maluco, os mortos da Prevent Sênior aos jornalistas demitidos da Globo durante a pandemia e a mãe morta de Luciano Hang à mãe viva do humorista morto Paulo Gustavo, já tem até bordão: "vai vendo, Brasil". Marcos Rogério, ao desmontar a realidade toda para caber na versão que os apoiadores do presidente desejam, repete-o a cada apelo desinformativo que faz aos seus. Isso não tem como acabar bem. Vai vendo, Brasil.

Ao longo desses mil dias, aos 20% que aplaudem tudo que está aí, não interessam os fatos

reprodução

Vira-folha

O deputado estadual Robinho (PP), que há pouco mais de um mês deixou a base do governador Rui Costa (PT), marcou presença entre a claque que recepcionou o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) em Teixeira de Freitas, no extremo sul da Bahia. O parlamentar publicou em suas redes sociais uma foto ao lado do mandatário e do ministro da Cidadania, João Roma (Republicanos). Em meio a conversas com o DEM — hoje em processo de fusão com o PSL—, Robinho diz que só ficaria no Progressistas se a sigla lançar candidatura própria ao Palácio de Ondina. Leia-se: João Leão, presidente estadual do partido.

Juntos e misturados

ACM Neto confirmou que o deputado federal Luciano Bivar comandará o partido que resultará da fusão DEM-PSL. Provável candidato ao governo estadual, o ex-prefeito de Salvador será o secretário-geral da futura legenda, posto que ocupará em meio ao périplo que tem feito pelo interior a fim de viabilizar seu nome. Ao negar que vá integrar a base aliada de Bolsonaro, ACM Neto diz que a prioridade da nova legenda será encampar um nome próprio para a corrida ao Planalto. Por ora, estão no páreo o apresentador José Luiz Datena, o ex-ministro Luiz Henrique Mandetta (Saúde) e o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG).

Concessão sob ameaça

A disputa entre a União e a ViaBahia, responsável por operar rodovias federais no estado, ganhou um novo capítulo. O Ministério da Infraestrutura prepara uma licitação para contratar uma empresa que elabore um estudo de viabilidade técnica na área coberta pela concessionária. Tanto a pasta federal quanto a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) têm ameaçado intervir no serviço, uma vez que a empresa não cumpre o que está determinado no contrato, o qual, em tese, só se encerrará em 2034. Segundo dados da ANTT, dentre as obras originais previstas, 64,42% não foram executadas —um volume que chega a R$ 503 milhões. Já multas impostas pela agência à Via Bahia, e transitadas em julgado, somam R$ 23 milhões —outras na casa dos R$ 427 milhões tramitam na Justiça. Caso se confirme, será a primeira intervenção federal em uma concessão rodoviária no país.

dimitri argolo cerqueira/metropress

Rui de olho em 22

Uma troca no segundo escalão do governo evidencia o quanto Rui Costa (PT) está com a cabeça voltada para as eleições de 2022. Na sexta-feira, o chefe do Executivo fez a seguinte substituição na BahiaTer (Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural): Célia Watanabe passou o posto de diretora para Lanns Almeida. Mesmo com a resistência do secretário Josias Gomes (SDR), a rearrumação foi feita graças à insistência do deputado Rosemberg Pinto, líder do governo na Assembleia, e do presidente estadual do PT, Éden Valadares. Rosemberg e Éden são reconhecidamente pessoas ligadas ao senador Jaques Wagner (PT), pré-candidato ao Palácio de Ondina. Moral da história: diante dos rumores de que João Leão (PP) se lançará como cabeça da chapa, a mudança sinaliza uma defesa da candidatura petista.

divulgação

Greve dos caminhoneiros

Uma greve nacional tende a ser o único caminho para pressionar o governo Bolsonaro diante dos sucessivos reajustes no preço do diesel, diz Luciano Oliva, diretor do Sindicato dos Caminhoneiros Autônomos da Bahia (Sindicam-BA). O mais recente reajuste no diesel, de quase 9%, está em vigor desde quarta-feira. À coluna, o sindicalista confirmou que uma eventual paralisação poderá ser decidida no dia 16 de outubro, na próxima reunião das lideranças da categoria, no Rio. Cobrado pelo segmento, Bolsonaro tem transferido a culpa aos governadores, os quais, segundo ele, aumentaram o ICMS sobre os combustíveis. Os gestores, por sua vez, já o desmentiram por meio de uma carta. Sem criticar diretamente o presidente, Oliva admite estar descrente com a classe política. "Tira esses caranguejos, mas a lama continua. Desemprego, fome, e os caras lá, 'charlando', comendo do bom e do melhor", lamenta o dirigente sindical.

Cão grande devorando os pequenos

Lojas gigantescas de pet shop em Salvador encarecem produtos e estrangulam pequenos empreendimentos de bairros; clientes sentem no bolso efeitos do monopólio

Texto **Adele Robichez**
adele.robichez@radiometropole.com.br

Na contramão de estabelecimentos fechados e demissão em massa na área comercial, depois de um ano e meio da pandemia, um setor segue em crescimento no país. Os pet shops tem projeção de expadirem seus negócios em 13,8%, somente em 2021.

O economista Antônio Carvalho analisa que o aumento de pet shops foi ocasionado justamente pelo isolamento social, necessário para evitar o contágio do coronavírus. Ele explica que, como as pessoas passaram a ficar mais tempo em casa, puderam adotar bichos de estimação para mantê-los em companhia e cuidar deles adequadamente.

"É uma das formas de compensação do 'aprisionamento'. As pessoas que nunca tiveram pets porque não podiam ficar em casa para cuidar se viram diante de uma nova rotina. Então, as pessoas começaram a adquirir mais animais e o mercado monitora isso. É a lei da demanda e oferta", pontua.

Dentro desta lógica de mercado, em Salvador, tem surgido megalojas, que agregam vários serviços para o animal e também os tutores: venda de produtos, clínica estética, clínica veterinária, lanchonete e áreas de lazer. O efeito disso, no entanto, recai sobre os pequenos empreendimentos, notadamente com menor poder de investimento.

"As grandes lojas ganharam o mercado por causa do preço. É muito menor. No começo, para ganhar clientes, eles estavam barbarizando", avalia a médica veterinária Suzana Silva de Aguiar, que tem um consultório em Piatã.

Ela conta que, apesar dos impactos da concorrência, os pequenos negócios, nos bairros, estão conseguindo sobreviver pelos diferenciais oferecidos. "A gente sabe que é uma competição muito grande, mas eles não têm todos os nossos serviços, então impactou mais a parte de vendas mesmo. Por um lado, foi bom porque as pessoas passaram a valorizar mais a parte veterinária, mas atrapalhou muita gente", observa.

Com a abertura de grandes lojas, o economista destaca que há a possibilidade da extinção de empresas menores do ramo.

"Pode acontecer um monopólio ou pelo menos um oligopólio [domínio de poucas empresas]. Antigamente, em Salvador, existiam muitas lojas pequenas e de bairro de móveis e eletrodomésticos. Elas acabaram, sumiram com o surgimento de grandes lojas", exemplifica.

Ao mesmo tempo em que o setor de Pet Shop cresce, aumentam também os preços dos produtos. A situação é motivada pela alta

inflação no Brasil, que encarece tudo, atrelada a um certo oportunismo diante do aumento da alta demanda, esclarece Carvalho.

"A inflação no Brasil é um caso atípico. Há dois modelos clássicos: de demanda e de oferta. O primeiro acontece quando a demanda aumenta e o empresário arrisca o aumento de preço. Se as vendas continuarem, ele continua experimentando. É a teoria do 'vai que cola'. Já o segundo aspecto acontece quando, ao produzir determinado produto ou serviço, fica mais caro. Nesse caso, naturalmente, o custo é repassado para o cliente".

Ele indica que o custo alto também tem relação com a atual situação do país. "Tudo aumentou no Brasil: o aluguel, a energia, o combustível, a cotação do dólar... Então basta ter qualquer produto importado, que fica mais caro"

dimitri argolo cerqueira/metropress

Produtos ficaram mais caros, dizem tutores

A estudante de produção cultural, Amanda Pereira, de 24 anos, dona de três cachorros, Amora, Chico e Capitu, é um exemplo ilustrativo de quem migrou de uma clínica de bairro para uma das megalojas.

Moradora do Costa Azul, ela passou a frequentar uma grande loja na Avenida Paralela. "Tem uma menor pertinho da minha casa e outra grande, que tem tudo. Acaba sendo uma opção melhor porque concentra vários serviços", diz.

Diante disso, Amanda indica que ficou surpresa com o preço dos produtos. "Os meus cachorros têm uma alimentação parcialmente natural, então já tem o preço da comida, que aumentou, principalmente das carnes, mas também tem os itens de higiene deles e outras coisas. Tomei um susto quando vi".

Pedro Chaves, 22, que possui quatro gatos: Bryan, Mimi, Zezé e Piupiu, e uma cadela, Lola, também constatou o aumento do preço da ração.

"Assim como tudo na pandemia, a ração acompanhou a tendência e subiu bastante de preço", afirma.

Covid-19 público 0

Bahia é o único estado, com clube na Série A, que não terá jogo com torcida no estádio; governador impediu retorno por incidência da variante delta

Texto **Rodrigo Meneses**
redação@metro1.com.br

O torcedor baiano vai passar mais um fim de semana com saudades das arquibancadas e um pouco de inveja. Isso porque o conselho técnico da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) aprovou o retorno do público aos estádios na 23ª rodada do Brasileirão da Série A, que começa neste final de semana. No entanto, o Governo da Bahia foi o único a não permitir o retorno, entre os outros estados com times na Série A.

Por isso, a partida entre o Bahia e Ceará acabou sendo adiada pela CBF e remarcada para o dia 27 de outubro. O governador Rui Costa (PT) alegou um aumento do número de casos ativos entre os dias 14 e 24 de setembro. Subiu de 2.000 para 2.700, mas na terça-feira o indicador reduziu em 200 casos e Rui informou que se caírem para 2.000, até a próxima terça-feira, ele pode marcar uma data para o retorno do público.

Ele já avisou que só entra quem comprovar a imunização com as duas doses da vacina contra a Covid-19.

O **Jornal da Metropole** ouviu infectologistas e eles preferiram adotar a postura de cautela. A preocupação dos especialistas é a indefinição sobre o comportamento da variante delta, que é apontada como mais transmissível e capaz de romper a barreira da vacinação quando as pessoas não estão imunizadas com as duas doses.

Em Salvador, principal praça esportiva do estado, até quarta-feira 98% da população acima de 12 anos estava imunizada com a primeira dose da vacina e 58% com a imunização completa. Na Bahia, o percentual é de 78,5% com a primeira dose e 42% com as duas doses. A ocupação dos leitos de UTI está em 32% no estado e 30% na capital.

"O grande problema é que a gente está vivendo uma questão que ainda não conseguimos explicar. Por que a variante delta ainda não se alastrou no Brasil ou isso ainda vai acontecer?", questiona a diretora do Instituto Couto Maia, a infectologista Ceuci Nunes. Ela lembra que houve um crescimento dos casos dessa variante na Bahia, mas é preciso esperar mais um pouco para analisar os dados.

"Subiu de 13 para 72. Precisa de um pouco mais de tempo para entender se vai ser uma evolução consolidada", explica. Enquanto não há respostas, Ceuci prega a cautela, apesar do momento de aparente tranquilidade.

O infectologista Claudilson Bastos não acredita que os protocolos de segurança sanitária serão cumpridos no estádio de futebol. Com o risco da variante delta, analisa, seria temerário liberar o público nesse momento.

"Considero que a precaução seja a melhor posição a se tomar. No caso dos estádios, tudo leva a crer que não haverá as medidas de precauções que são: uso cor-

58%

do público-alvo de Salvador está completamente imunizado contra a Covid

reto das máscaras, higienização das mãos com álcool em gel, nem distanciamento físico de, no mínimo, 1 metro", acredita. "Sendo assim, pode-se ter o bom senso de postergar a abertura dos estádios até termos uma maior segurança", completa.

EFEITO PÓS-JOGO

A infectologista e pesquisadora da Fiocruz, Fernanda Grassi, lembra que o risco maior não é dentro do estádio, mas no momento anterior e também pós-jogo. "O problema é tudo que envolve. O futebol é a festa, a confraternização, o encontro. A preocupação não é o momento em que está assistindo o jogo, mas no momento anterior e de ir embora", lembra.

Para a especialista, seria ideal esperar mais três semanas para observar o comportamento da variante delta e avançar com a vacinação da segunda dose. "Não pode baixar a guarda agora. Não só em relação ao futebol, mas com todo tipo de aglomeração. Estamos vacinando quase um milhão de pessoas por dia no Brasil. Estamos caminhando para uma situação melhor, para não viver aquela situação com a variante gama (P1) dominando tudo, como ocorreu em março e abril", lembra.

divulgação

Torcida ansiosa com possível liberação

Com ocupação limitada a, no máximo, 30% da capacidade do estádio, comprovação da segunda dose, uso de máscara, distanciamento e higienização das mãos, boa parte dos torcedores são a favor do retorno aos estádios. "Acredito que com os devidos protocolos de segurança e cada torcedor fazendo sua parte, respeitando as normas exigidas, podemos ir avançando aos poucos no retorno de mais torcedores", afirma o personal trainer Eduardo Alcântara. "É uma tristeza imensa que nem consigo explicar. Nem nos meus piores pesadelos imaginei ficar tanto tempo longe da Fonte Nova", completa.

O vendedor Weldon Luna não vê a hora do retorno. "Só a gente que é torcedor do Bahia sabe a falta que o estádio está fazendo", declara. "O governador poderia liberar para uma capacidade mínima, pelo menos", declara.

O educador físico Gabriel Carvalho acredita que a exigência da vacinação nos estádios vai provocar uma procura pela segunda dose. "Vai ser até um estímulo para as pessoas", diz. Sobre o cumprimento dos protocolos no estádio, ele acredita que haverá falhas. "Sei que 100% não vai respeitar, mas é preciso liberar e fiscalizar para ir avançando e acertando", completa.

O professor de educação física Antônio Neto vai na contramão dos demais torcedores. Frequentador assíduo da Fonte Nova, ele acha que ainda é cedo para o retorno. "Acho que poderia segurar mais um pouco por causa do risco da variante delta e o meu medo é que a Fonte Nova não abra todos os anéis e possa haver aglomeração em alguns setores e consequentemente mais riscos de contaminação", afirma.

Sobre a negativa do governo, a assessoria de imprensa do Esporte Clube Bahia informou, por meio de nota, que o clube vem mantendo o discurso desde o início da pandemia de aguardar as autoridades, sem pressão ou precipitação, colocando as decisões de política pública e sanitária em primeiro lugar.

tacio moreira/metropress

ENTREVISTA

Muniz Sodré

SOCIÓLOGO, JORNALISTA E ESCRITOR

Capitalismo financeiro, "inliberalismo" e mídia. Esses são os temas do novo livro 'A sociedade incivil', do sociólogo e jornalista baiano, Muniz Sodré.

Em entrevista a Mário Kertész, na **Rádio Metrópole**, o professor explicou que, segundo sua análise, vivemos hoje um sequestro do discurso nas relações agora mediadas por algoritmos. "Coloco esse novo tipo de mídia com outra face no capitalismo financeiro. Portanto, ao mesmo tempo que é uma face democratizante, aparentemente, do ponto de vista da fala, do ponto de vista no horizonte de expectativas, é uma coisa a se temer. Isso porque os algoritmos constituem um discurso subterrâneo, eles são um código criptográfico, e o livro caracteriza essas essa situação como um sequestro da fala, um sequestro de discurso", diz Sodré.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Quanto a liberdade de expressão, o sociólogo entende que ela ainda é visível nas mídias "jurássicas", mas tudo está sendo paulatinamente engolido e "deglutido por esse novo tipo de controle de discurso por algoritmos que está nas redes". Para Sodré, a rede eletrônica é uma nova "Urbs", cidade em que nós cada vez mais moramos dentro dela sem perceber.

Coloco esse novo tipo de mídia com outra face no capitalismo financeiro. É uma coisa a se temer

RECUPERADO DA COVID

Ao comentar a pandemia, Muniz Sodré, que ficou 40 dias internado com Covid-19, em hospital na Zona Norte do Rio, contou que se sente recuperado da doença. "A minha mulher, grupos espalhados em vários estados do Brasil, os orixás, os terreiros, me puxaram de volta. Eu saí, em um mês, de uma sequela renal, estou muito bem fisicamente e acho que mentalmente também. Acabei de tomar posse na Cátedra Otavio Frias Filho na Universidade de São Paulo, tenho trabalhado muito online, dado aulas, estou bem", afirmou o professor, que também é Obá pelo terreiro Axé Opô Afonjá, de Salvador.

ENTREVISTA

João Carlos Salles

REITOR DA UFBA

divulgação

Em entrevista nesta segunda-feira a Mário Kertész, na **Rádio Metropole,** o reitor da Universidade Federal da Bahia, João Carlos Salles, falou sobre o retorno das aulas presenciais na universidade depois de 18 meses de ensino à distância.

Segundo Salles, o próximo semestre, que começa em fevereiro, já deve ser presencial. "Vamos aguardar o final de outubro, início de novembro para fechar essa questão. Os números da pandemia vão nos ajudar a entender a possibilidade. Mas estamos trabalhando para que em fevereiro façamos essa retomada. Claro, com todos os cuidados necessários. Algumas matérias talvez ainda exijam ensino remoto. Mas importante dizer que nunca paramos. A universidade teve aula remota durante todo esse tempo", disse.

ATAQUES À AUTONOMIA

Salles também falou sobre os ataques do governo federal à autonomia universitária quando nomeia um reitor fora da escolha da comunidade acadêmica. "Pegam os modelos de fora do país para falar que em tal lugar não tem eleição do reitor. O que pode funcionar lá fora, não pode ser medida para nós. Nossas universidades são verdadeiras comunidades. Essa é a realidade do Brasil. Se quebrar a nossa escolha democrática isso se atenta contra a autonomia universitária. Esse governo busca até judicializar escolhas e nomear reitor. Não se pode aceitar isso".

GINCANA DE ABSURDOS

O reitor da Ufba falou sobre a projeção para as universidades nos próximos anos e criticou duramente os ministros da educação durante o governo de Jair Bolsonaro (sem partido). "Ao longos desses anos, nesse governo, cada ministros parece querer superar o anterior em absurdo. Era um jogo entre eles e ninguém nos avisou. A ideia era sempre fazer algo mais absurdo para vencer. O país está em frangalhos. É preciso virar essa página autoritária e obscurantista logo e voltar aos valores democráticos. Ainda assim teremos dificuldade, pois, de um dia para o outro, não vamos retornar o orçamento e as obras paradas", disse.

TEMPO/tap

NÃO PERCA QUEM VOCÊ AMA PARA AS DROGAS.

MAIS FAMÍLIA. MENOS DROGAS.

As drogas são a principal causa das mortes violentas.
Por onde as drogas passam, deixam um rastro de sofrimento.
As famílias são a principal força contra esse terrível mal.
Todos contra as drogas.